# Dia 13 — São Hermenegildo, Mártir

Morto Liuva, rei dos visigodos, no ano 571, seu irmão Leovigildo, a quem havia associado à coroa, vendo-se já único dono de quase toda a Espanha e daquela parte da província Narbonense que estava sujeita ao domínio de sua nação, resolveu fazer hereditária em sua família a coroa que até aquele tempo havia sido eletiva. Mandou, pois, reconhecer por sucessores seus os dois filhos Hermenegildo e Recaredo e ele mesmo os pôs em posse de uma parte de seus estados; a Hermenegildo consignou a Andaluzia e a Recaredo assinalou o reino de Aragão com todas as províncias celtiberas.

Era Hermenegildo o príncipe mais cabal que se conhecia em seu tempo; sua estatura majestosa, seu ar nobre e desembaraçado, seu entendimento vivo e penetrante, sua prudência, seu valor e seus modos finos e cortesãos no meio de uma nação bárbara faziam-no dono de todos os corações. Teve a desgraça de ser ariano, como toda a casa real, ainda que fosse sobrinho de São Leandro e de Santo Isidoro, arcebispos de Sevilha, que eram irmãos da rainha Teodósia, mãe de nosso santo. Morta esta princesa, o rei Leovigildo casou em segundas núpcias com Gosvinda, viúva de Atanagildo, seu predecessor, princesa tão contrafeita de entendimento como de corpo, de gênio acre e maligno, violenta, furiosamente colérica e sobretudo muito encaprichada no arianismo.

Vendo Leovigildo debilitado o partido dos católicos com a derrota dos gregos, a quem havia lançado a força de armas de todas as praças que ocupavam ao longo da costa, dedicou toda a atenção a buscar para o príncipe Hermenegildo uma esposa que assegurasse com sua aliança a paz que acabava de dar a seus povos e contribuísse também para a felicidade do reino com suas prendas pessoais.

Fixou sua eleição em Ingunda, filha de Sigeberto, rei da Austrásia, na França, e de Brunilda, e neta por sua mãe de Atanagildo e de Gosvinda, princesa não menos distinguida por sua rara virtude que por seu alto nascimento e extraordinária formosura. Era católica; e esta só circunstância teria sido bastante para romper desde logo aquele tratado, se Ingunda por sua parte não se prometesse, com o auxílio da graça, reduzir à fé seu esposo Hermenegildo e sua sogra Gosvinda não esperasse conquistar com artifício ou com violência sua nora Ingunda, obrigando-a a abraçar o partido do arianismo.

Desposou-se Hermenegildo com Ingunda no ano de 579, a qual, apenas chegou à Espanha, enfeitiçou toda a corte. Só Gosvinda, a quem as belas prendas da jovem princesa se lhe faziam mais odiosas, concebeu bem cedo ciúmes que passaram por fim a ser ódio e furor desenfreado. Contudo, pareceu-lhe conveniente dissimular por algum tempo e fazer tudo o possível para perverter a religião de sua neta. Com esta ideia fazia-lhe a princípio mil carícias, para abrandar sua

constância e alterar sua fé; mas, vendo que não lhe saía bem este meio, recorreu às injúrias e às maiores violências. Não havia espécie de mau tratamento que não lhe fizesse, até banhá-la uma vez em sangue com os golpes que lhe deu, e em certa ocasião a precipitou de um empurrão num tanque onde lhe faltou pouco para afogar-se.

Sofria Ingunda esta perseguição com uma paciência e uma doçura dignas da religião que professava; mas, como a pálida cor de seu semblante e os hematomas dos golpes não podiam ocultar-se a Hermenegildo, chegando a entender por eles a crueldade de Gosvinda, tomou a resolução de retirar-se com sua esposa a Sevilha, capital de seus estados. Aproveitou-se Ingunda desta ocasião para converter seu marido e trabalhou tão ditosamente nesta grande obra, auxiliada de seu tio São Leandro, que ao fim teve o consolo de vê-la efetuada. Instruiu o santo prelado Hermenegildo nas verdades da fé católica, que já tinha o príncipe no coração. Com a oportunidade de certa ausência do rei Leovigildo, executou-se a cerimônia de sua abjuração e seu batismo; e, havendo recebido com o sagrado crisma da confirmação aquele valor e aquela constância com que se formam os heróis do cristianismo, já não desejou outra coisa senão ter alguma ocasião em que dar públicas provas de sua fé.

Não tardou muito tempo em oferecer-se-lhe; porque, tendo chegado à notícia de Leovigildo sua mudança de religião e que fazia pública profissão da católica, entrou em tão furiosa cólera que, não dando ouvidos senão a sua paixão e aos violentos conselhos de Gosvinda, a qual não cessava de acender mais e mais o fogo da indignação, desde logo o despojou do título de rei que lhe havia concedido, resolvido também a tirar-lhe seus bens e até a vida se não renunciasse à religião que havia abraçado.

Mas, antes de chegar a estes extremos, pareceu-lhe conveniente tentar os meios da suavidade e despachou-lhe um senhor de sua corte com a carta seguinte: «Filho meu, mais quisera falar-te que escrever-te; porque, se te tivesse à vista, que poderias negar ao que te pedisse como pai e te mandasse como rei? Trar-te-ia à memória os muitos e grandes sinais que te dei do terno amor que te professo, dos quais sem dúvida te esqueceste desde que ascendeste ao trono, onde te coloquei eu muito antes que pudesses tu pensar em ocupá-lo. Esperava ter em ti um companheiro que me ajudasse a conservar o florido império dos godos no estado em que se vê hoje por minhas vitórias; mas nunca sonhei que pudesse chegar o caso de encontrar na pessoa de um filho meu um inimigo mais perigoso que todos os que venci. Não te contentas com que eu tenha repartido contigo minha coroa; queres reinar só; e, a este fim, abandonando a religião de teus avós, abraçaste a dos romanos, que são os maiores inimigos do Estado. Não ignoras que a nação dos godos começou a florescer desde que começou a ser ariana. Também sabes que nenhuma coisa aliena tanto os ânimos e os corações como a diversidade de religião e, consequentemente, que nada pudeste fazer mais ofensivo para o meu que declarar-te católico. Lembra-te, pois, filho meu, de que sou teu pai e de que sou teu rei: como pai te aconselho e como rei te mando que voltes prontamente em ti e, restituindo-te sem perder tempo a tua primeira religião, mereças com tua pronta submissão minha clemência. Não o fazendo assim, declaro-te que me obrigarás a tomar as armas; e em tal caso jamais tens de esperar misericórdia.»

Tendo recebido Hermenegildo esta carta do rei seu pai, respondeu a ela com o maior respeito: «Que sabia bem o que devia a seu pai e a seu rei; mas que tampouco ignorava o que devia a seu

Deus; que esperava desempenhar estas duas obrigações de maneira que, sem faltar à submissão e à obediência que devia ao um no que não se opusesse ao que mandava o outro, conservaria até a morte a religião que havia abraçado, persuadido de que fora dela não podia haver salvação; que lhe suplicava que não o considerasse delinquente por haver renunciado à superstição ariana logo que o Senhor lhe abriu os olhos para conhecer a verdade; que se teria por ditoso se selasse sua religião com seu sangue, sem ficar-lhe já mais que desejar que a conversão de toda a sua nação e de toda a sua família.»

A cristã magnanimidade de Hermenegildo irritou o ânimo suspicaz e caviloso do pai ariano. Serviu-lhe de pretexto a conversão de seu filho para excitar uma cruel perseguição contra a Igreja. Havendo feito Hermenegildo que sua esposa Ingunda passasse à África com seu filho, menino de poucos meses, para pô-los a salvo dos arianos, creu que podia ficar ele com segurança em Sevilha. Mas Leovigildo, depois de haver corrompido a força de dinheiro e de estratagemas a maior parte até dos mesmos católicos que se haviam declarado pelo santo rei, resolveu ir sitiá-lo em Sevilha. Pôde defender-se Hermenegildo; mas, temendo expor a cidade e respeitando, por assim dizer, o sangue de seus vassalos, retirou-se ao campo dos romanos, não sabendo a traição que haviam cometido, deixando-se corromper com o dinheiro de seu pai, contra a fé dos tratados. Conheceu-o quando apenas havia entrado em seu campo e correu a refugiar-se em Córdoba; mas, não se tendo ali por seguro, tomou consigo trezentos homens escolhidos e encerrou-se na cidade de Oseto, praça então muito forte, cuja igreja era muito célebre na Espanha e respeitável até aos mesmos godos pelos grandes milagres que obrava Deus nela. Sitiaram e tomaram a praça as tropas de Leovigildo, que perseguia furiosamente seu filho, resolvido a tirar-lhe a religião ou a vida.

Apurado o santo rei, vendo-se sem outro recurso, refugiou-se na igreja. Não quis Leovigildo tirá-lo dela à força e permitiu que seu segundo filho Recaredo, príncipe jovem que amava ternamente seu irmão e era muito parecido a ele em muitas das belas prendas que o adornavam, passasse a falar-lhe de sua parte, assegurando-lhe o perdão, contanto que se rendesse e se sujeitasse a seu pai. Procedia Recaredo de boa-fé e assim representou a Hermenegildo que já não se falava de religião, mas unicamente de pedir perdão ao rei, que se daria por satisfeito com só esta demonstração de submissão. Creu-o o santo mancebo; veio logo com ele a lançar-se aos pés de seu pai; recebeu-o este com grandes demonstrações de carinho; abraçou-o, falou-lhe com palavras brandas e amorosas, até que insensivelmente o foi conduzindo a seu campo, onde mandou que o despojassem das insígnias reais e, carregado de cadeias, o levassem prisioneiro ao castelo ou alcácer de Sevilha. Na prisão voltou segunda vez às promessas e às ameaças para obrigá-lo a abraçar o arianismo; mas, achando-o sempre invencível, mandou que o encerrassem num calabouço destinado para os réus e que o tratassem com todo o rigor imaginável.

Entrou o príncipe naquele triste calabouço com maior alegria que quando havia ascendido ao trono. Não se olhando já senão como soldado de Cristo, dispôs-se com oração, com jejuns e com outras penitências para entrar no combate que devia sustentar bem cedo em defesa da divindade daquele Senhor a cujos olhos combatia. Vestiu um áspero cilício, não usou de mais cama que da desnuda terra e acrescentou outras mortificações voluntárias aos trabalhos de sua rigorosa prisão.

Chegou a festa da Páscoa e, parecendo a Leovigildo que o rigor dos maus-tratos teria cansado a constância de Hermenegildo, enviou-lhe um bispo ariano para que de sua mão recebesse a

comunhão. Horrorizou-se o santo príncipe ao ouvir a proposição do insolente herege; e, tomando o tom de herói da religião e de soberano, censurou-lhe sua impiedade e atrevimento, declarando resolutamente que queria viver e morrer na religião católica, e lançou-o de sua presença, mandando-lhe que não voltasse a pôr-se nela. Informado Leovigildo da invencível firmeza de Hermenegildo, entrou em furiosa cólera e, no mesmo ponto, mandou a alguns soldados de sua guarda que fossem tirar-lhe a vida.

Já esperava Hermenegildo que sua animosa confissão da fé lhe valeria a coroa do martírio; e assim se dispunha para o sacrifício, oferecendo-se vítima de seu Deus nas aras de seus ardentes desejos. Estava de joelhos, derramando seu coração em fervorosíssimas ânsias, quando entraram os bárbaros no calabouço e, abrindo-lhe a cabeça com um machado, deixaram-no morto no chão.

Ao ponto manifestou Deus a glória do santo mártir, assim com músicas celestiais que se ouviram por toda aquela noite ao redor do santo corpo, como com as celestiais luzes que iluminaram toda a prisão.

São Gregório Magno, que deixou escrito o triunfo de seu martírio, atribui a seus méritos e a sua poderosa intercessão junto a Deus a conversão do rei Recaredo, seu irmão, e de toda a nação dos godos da Espanha à religião católica, que se seguiu pouco depois de seu glorioso triunfo. Pelo que toca a Leovigildo, acrescenta o santo pontífice, sentiu vivíssimamente haver-se deixado levar tanto de seu furor; mas este arrependimento natural não chegou a converter aquele obstinado coração. Conheceu a verdade; mas pôde mais com ele a razão de Estado e o medo de que não o despojassem do trono se mudasse de religião, e assim morreu no arianismo. Sucedeu o martírio de São Hermenegildo na noite do Sábado Santo, 13 de abril de 586. Seu santo corpo está em Sevilha, à exceção da cabeça, que foi levada a Saragoça quando os mouros se apoderaram da Andaluzia. No Escorial e no colégio dos jesuítas de Sevilha, que tem a advocação do mesmo São Hermenegildo, conserva-se também parte de suas preciosas relíquias, como nas cidades de Ávila, em Castela a Velha, e de Plasência, na Estremadura.

# Martirológio Romano

Em Sevilha, na Espanha, São Hermenegildo, filho de Leovigildo, rei dos visigodos ariano, o qual, havendo sido posto num cárcere por defender a fé católica, como não quisesse receber a comunhão da mão de um bispo ariano, mandou seu pai abrir-lhe a cabeça com um machado, e deste modo, em troca de uma coroa frágil e perecedoura, entrou rei e mártir no céu.

Em Pérgamo, na Ásia, a festa dos santos Carpo, bispo de Tiatira, Pápilo, diácono, Agatônica, sua irmã, mulher muito virtuosa, Agatodoro, seu criado, e outros muitos, os quais, depois de vários tormentos, alcançaram a coroa do martírio por haverem confessado valorosamente Jesus Cristo, durante a perseguição de Marco Antonino Vero e Cômodo.

Na mesma perseguição padeceu também em Roma São Justino, o Filósofo, varão admirável, o qual, não satisfeito com apresentar aos imperadores a segunda *Apologia* que havia escrito em favor da

religião cristã, defendeu-a com muita energia em várias conferências; mas, acusado como cristão por Crescente, filósofo cínico, cuja vida e depravados costumes havia repreendido, em recompensa de seu zelo e de sua fidelidade recebeu o dom do martírio.

No mesmo dia, o martírio dos santos Máximo, Quintiliano e Dadas, durante a perseguição de Diocleciano.

Em Ravena, Santo Urso, bispo e confessor.

# Missa (oração)

A missa do dia é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Hermenegildum martyrem tuum cælesti regno terrenum postponere docuisti: da nobis, quæsumus, ejus exemplo caduca despicere, atque æterna sectari. Per Dominum nostrum.*

**Português:** Ó Deus, que ensinastes a vosso bem-aventurado mártir Hermenegildo a pospor o reino da terra ao celestial, concedei-nos que, à sua imitação, desprezemos as coisas caducas e aspiremos sempre às eternas. Por nosso Senhor.

# Epístola

A epístola é do capítulo 10 do livro da Sabedoria.

**Sabedoria 10,10-14**

> **Latim:** [10] Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius. [11] In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. [12] Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. [13] Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, [14] et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

**Português:** [10] Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas. [11] No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. [12] Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. [13] Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, [14] e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

# Nota

«Alguns hereges tratam de apócrifo o livro da Sabedoria, porque nele se condenam claramente seus erros, em cujo número entram os semipelagianos, como o assegura Santo Agostinho. Mas sempre foi recebido por toda a Igreja como obra de Salomão inspirada pelo Espírito Santo, declarando-o assim o terceiro concílio cartaginense, o papa Gelásio e o santo concílio de Trento, e citando-o como tal Santo Agostinho com os mais antigos e mais célebres padres da Igreja.»

# Reflexões

Por mais que a malícia dos homens perversos intente pôr estorvos à vida do justo, sempre o guia Deus pelos caminhos mais direitos e mais seguros: *Justum deduxit Dominus per vias rectas.* Não são capazes de detê-lo os maus passos; nem o tempo mais borrascoso serve mais que para que caminhe com maior celeridade. Se Deus é seu guia, que tem que temer? O Apóstolo dizia que, para os que amam a Deus, todas as coisas se convertem em bem: *Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum:* tudo entra em proveito dos que o mesmo Senhor escolheu para santos. A ciência dos santos é a ciência da salvação. Concede-a Deus aos que têm coração são e espírito dócil. Todos os cristãos estudam nesta escola; mas que curtos progressos se fazem nela! Não é falta do mestre, que espalha os raios de sua doutrina sobre bons e maus e desata a rega de sua celestial sabedoria sobre justos e pecadores; é pelo pouco caso que se faz dela e pelo pouco gosto com que muitos a ouvem. Tem o mundo seus discípulos; gostam de sua doutrina porque estão cheios do espírito do mundo e porque se fazem sábios em pouco tempo. Mas em que ciência, meu Deus! Naquela que se reduz a saber condenar-se sem medo, a saber perder-se com desvergonha e com alegria.

*Honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius.* Faz Deus o bom mais honrado com as perseguições e mais rico com os trabalhos, porque o assiste para que se aproveite deles. Seu suor é de muito preço. Enxuga Deus suas lágrimas, conta seus passos, tem cuidado até do menor de seus cabelos; enquanto os pecadores se cansam no caminho da maldade e da perdição: *Lassati sumus in via iniquitatis et perditionis* [^1], andando sempre por sendas ásperas e dificultosas: *Ambulavimus vias difficiles.* Digam o que disserem, não vão ao inferno com muito descanso.

Quanto dá que padecer a tirania das paixões! O que se perde, perde-se sempre a muito custo: *Vias difficiles.* As inquietações, as zozobras, a amargura inundam o caminho por onde correm os libertinos e os ímpios: *Viam autem Domini ignoravimus:* e ignoram o caminho do Senhor, ignorando a ciência dos santos. Quão prejudicial é para eles esta fatal ignorância! Quão cara lhes custa! Possui em boa hora toda a sabedoria do mundo; sabe à perfeição todas as minúcias da cortesania, da urbanidade, da atenção e da boa criação; não ignores ápice nem primor do que os mundanos chamam graças, bom gosto, brilhantismo, esplendor, alegria, prazeres e diversão; sê, por assim dizer, como a alma de todos os festins do mundo: *Quid nobis profuit?* Ciência do mundo, erro, ilusão, loucura; de que servirá a um pecador envelhecido, a uma pessoa jovem haver brilhado, haver sobressaído e haver-se depois condenado? *Ergo erravimus a via veritatis, et justitiæ lumen non luxit nobis.* Logo erramos miseravelmente o caminho da verdade: logo não raiou sobre nós a luz da justiça: logo caminhamos às escuras e em trevas, cegos, extravagantes, insensatos; e isto nós, que tanto nos prezávamos de discretos e de entendidos; nós, que tínhamos lástima, que olhávamos com compaixão os que iam por caminho inteiramente contrário. Oh, que confissão tão desesperada! *Talia dixerunt in inferno qui peccaverunt.* Assim discorrerão, assim falarão no inferno aquelas mulheres profanas que ignoram sua religião ou que afetam ignorá-la; aqueles libertinos que fazem ostentação de sua impiedade e de sua dissolução. Mas oh, que dolorosos são os ais quando são inúteis e quando são eternos!

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas.

**Lucas 14,26-33**

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, 30 dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? 31 Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? 32 Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. 33 Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

**Português:** 26 Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. 27 E o que não leva a sua cruz, e

vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. [28] Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, [29] para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, [30] dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? [31] Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? [32] D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. [33] Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

# Meditação

*Do exemplo de Cristo e dos santos*

# Primeiro ponto

Considera que em matéria de costumes nenhuma razão persuade melhor que o bom exemplo. Estorvos, fraqueza, idade, condição, preocupações: tudo se rende a sua invencível força. De onde nasce essa desenfreada licença de costumes, essa corrupção tão geralmente estendida por todos os estados, esses vícios que inundam a terra? Efeito são do mau exemplo. Pois por que o bom exemplo há de ter menos virtude, menos eficácia sobre os entendimentos e sobre os corações? Não há que desculpar-se com a delicadeza do temperamento, com a violência das tentações, com a multidão dos perigos; em vão se alegam cem razões frívolas para pretextar cada qual sua covardia: o exemplo as desfaz todas.

Os bons exemplos são a respeito de ti ou grande motivo para cumprir com tuas obrigações ou maior causa de tua condenação se não cumpres com elas. O só exemplo de um Deus-homem devia bastar para que vencesses todas as dificuldades. És pobre? Cristo o foi. Coisa dura é ser perseguido, caluniado, tratado com o último desprezo: mas atrever-te-ás a cotejar teus trabalhos com os seus? Clamas, levantas o grito contra a injustiça e contra a calúnia: mas tratam-te porventura pior que a Jesus Cristo? Oh, que remédio tão soberano para muitos males é a vida do Redentor! Oh, e quantas queixas pode e deve afogar aquele silêncio na árvore da cruz!

Mas ele era Deus, e nós somos criaturas fracas e miseráveis. Parece-te que disseste algo? Pois esta reflexão deve dar maior eficácia a seu exemplo. Se um Deus padece por meus pecados, poderei negar-me eu a fazer penitência por eles? Se um Deus viveu no mundo uma vida obscura e abatida, será razão que eu pretenda lográ-la honrosa, brilhante e cheia de satisfações? Se um Deus perdoou aos que lhe tiravam a vida num afrontoso madeiro, não perdoarei eu aos que me fazem uma injúria? Se um Deus creu que lhe convinha padecer para entrar em sua própria glória, quererei eu viver delicado, regalado, divertido, para gozar depois da mesma glória e entrar na

alegria do Senhor? Sente-se bem, a despeito da enganosa resistência do amor-próprio, a invencível força de tão soberano exemplo. Ó grande Deus, e quantas coisas diz a vista de um Deus crucificado a um homem que o olha com fé, especialmente na hora da morte! Que vivas, ainda que mudas repreensões! Quantos ficarão confundidos à vista deste divino objeto! Que razão poderá opor, que pretexto poderá alegar o amor-próprio quando se achar reconvindo com o exemplo de um Deus crucificado?

# Segundo ponto

Considera que não é só o exemplo de um Deus crucificado o que se te propõe para arranjar teus costumes; porque este modelo talvez poderia parecer muito elevado aos cristãos covardes. À vista tens uma multidão de outros exemplos que nem podes recusar nem te fazem menos inescusável.

Põe os olhos da consideração nesse prodigioso número de cristãos fervorosos e perfeitos de todas as idades, de todos os sexos, de todos os estados e condições, que desempenharam com tanta pontualidade suas obrigações e cumpriram com tanto zelo a vontade do Senhor. Nenhum há que não seja uma repreensão animada de tua tibieza no serviço de Deus; nenhuma há que não desvaneça tuas escusas e teus frívolos pretextos; nenhum há que não confunda teu amor-próprio com todos os direitos que pode alegar. És jovem, de gênio alegre, de natural pronto, de compleição delicada? Santa Inês não tinha mais que treze anos; São Eleazar era de um gênio mais espalhado que o teu; talvez não tenha havido natural mais ardente nem mais vivo que o de Santo Agostinho; não parece possível compleição mais delicada que a de uma Santa Teresa e de um São Luís Gonzaga. Os Fernandos, os Luíses, os Henriques, as Cunegundes, os Eduardos, as Isabéis conservaram sua inocência no meio das delícias e dos perigos da corte. No estado do matrimônio chegaram ao cume da perfeição as Mônicas, as Brígidas e as Franciscas; na humilde condição de pastoras, de criadas, de lavradores e de pobres oficiais mereceram ser objeto de nossa admiração e de nosso culto as Genovevas, as Blandinas, os Isidros e os Homobonos. Nem a ciência serviu de estorvo à santidade de tantos doutores, nem o esplendor do berço foi embaraço à eminente virtude de tantos príncipes canonizados.

Não deve confundir a heroica magnanimidade de São Hermenegildo o mau exemplo de tantos maus cristãos? Nascido sobre o trono, embalado num berço real, educado entre as delícias de uma corte, herdeiro presuntivo da coroa, na flor de sua idade, tudo sacrifica por amor de Jesus Cristo: prazeres, riquezas, honras, quietude, o mesmo reino e até sua mesma vida. Quando se atravessam a religião e a salvação, tudo deve sacrificar-se. Bom Deus! Que responderão a isto tantas almas covardes que sacrificam sua consciência, sua religião, sua salvação eterna a um vil interesse, a uma paixão louca e torpe, a uma honra imaginária? Que escusa alegarão quando se lhes proponha o exemplo de um São Hermenegildo e de outros tantos santos que, com maiores estorvos e talvez com menos auxílios, se fizeram tão grandes santos, correspondendo à graça com fidelidade? E que responderei eu mesmo às secretas reconvenções que me está fazendo minha própria consciência à vista destes exemplos?

Nada tenho que responder, Senhor; mas sim muito por que confundir-me e implorar vossa clemência, para que minha confusão e meu arrependimento não sejam estéreis e sem fruto. Eu adoro o mesmo Deus que adoraram os santos; tenho a dita de professar a mesma religião e de ter a mesma regra de costumes e o mesmo Evangelho; espero o mesmo prêmio que eles esperaram. Fazei, Senhor, que com o auxílio de vossa graça tenha também o mesmo alento, a mesma perseverança e a mesma felicidade.

# Jaculatórias

> *Attendite ad petram unde excisi estis.* Is 51.

Fazei, Senhor, que eu me ajuste bem àquela pedra angular de onde fui talhado.

> *Bonum æmulamini in bono semper.* Gl 4.

Oh, se avivásseis sempre em mim a emulação dos santos!

# Propósitos

1. É o exemplo uma lição muda, mas convincente, que ao mesmo tempo demonstra a verdade do preceito, a possibilidade de sua execução, a debilidade dos estorvos e o mérito da ação. Não há coisa mais eloquente que o bom exemplo, porque os homens creem mais a seus olhos que a seus ouvidos. Nem é fácil diminuir a impressão que faz sua força. O exemplo autoriza o vício ou introduz a virtude.

Uma boa vida é instrução eficaz para todo gênero de pessoas. Logo se converteria ou reformaria o mundo se os que ocupam postos elevados dessem bom exemplo. Toma desde logo a resolução de imitar os exemplos dos bons e de dar tu também bons exemplos. Traze à memória os cristãos costumes, o porte exemplar e as virtudes mais visíveis daqueles sujeitos ajustados e exemplares que conheces. Muitas vezes te edificou aquela modéstia, aquela circunspeção de tal e tal pessoa, aquela compostura, aquela gravidade de ações e de palavras, aquela devoção com que se a vê na igreja, aquela moderação, aquela prudência em vários lances e ocasiões. Enfeitiça-te a virtude, o juízo, a caridade daquela senhorita jovem; e confessas que aquele cavalheiro, aquele eclesiástico, o outro religioso dão grande exemplo no povo. Pois dize a ti mesmo o que se dizia a si próprio Santo Agostinho: *Et tu non poteris quod isti et istæ?* Pois que não poderei eu, com a divina graça, o que estes e estas podem? Interesso eu acaso menos em minha salvação que eles na sua? Professo outra religião? Espero outro prêmio? Viste um ato de virtude naquele mancebo; foste testemunha

da caridade com que a outra senhora principal assistia aos pobres nos cárceres e nos hospitais: pois, em chegando a casa, conta o que viste diante de teus filhos e em presença da família. Já que costuma haver tanta exatidão, e às vezes tanto soluço por desembuchar quanto antes os defeitos do próximo que se viram ou se ouviram, não sejas menos zeloso nem menos pontual em referir os exemplos de virtude que chegaram a teus olhos ou a tua notícia. Não é fácil dar lições que sejam melhor recebidas nem mais eficazes. Bom Deus, quão bem substituiriam estas relações edificantes as conversações murmuradoras ou pouco caritativas!

2. Mas não basta que te ponhas por exemplar as virtudes dos bons; é mister que tu mesmo te esforces por servir de exemplar e de modelo. Olha se teus filhos, teus criados e teus amigos têm motivo para edificar-se muito de teu porte; se tuas filhas podem aprender de ti modéstia, compostura, devoção, desprezo das vaidades do mundo, amor ao retiro e apreço da religião; olha se os que te tratam familiarmente podem tirar de teu trato lições para viver arranjados, contidos, devotos, caritativos e exemplares. Poucos há, segundo o pensamento de São Paulo, que não possam ser pregadores mudos. Os que estão em maior elevação têm maior auditório e podem pregar a mais. É santo e admirável costume dizer-se cada qual a si mesmo, ao entrar ou sair de casa, quando concorre com outros ou quando está entre sua família: Eia, que vou pregar: minhas palavras, minhas ações, meus modos, tudo quanto em mim se observar e se notar há de servir de sermão.

[^1]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A citação é de Sabedoria 5,7.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:04 by Admin